

Mutirão começa hoje a tirar pacientes da lista da morte

CARLOS TAVARES

Um mutirão da vida para a fila da morte. Começa hoje, por Taguatinga, a luta dos cirurgiões e anestesistas da rede pública de saúde para reduzir a lista da morte. No começo de janeiro eram 4.061 pacientes condenados, mais de dois mil por doenças malignas, mas que poderiam ser curados se fossem operados. Essa agonia pode acabar em três meses, segundo estimativas da Secretaria de Saúde, com o início do mutirão de médicos que se dispõem a trabalhar um terceiro turno, à noite, e nos finais de semana.

Além do paciente do Hospital Regional de Taguatinga, outros quatro vão para mesa de cirurgia do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) segunda-feira de manhã e assim o corpo médico da FH começa a reduzir a estatística da morte nos corredores dos hospitais públicos. Dentro deste total de 4.061 pessoas com as vidas ameaçadas, 75 já estão internadas, o restante em casa à espera de um telefonema que pode salvar suas vidas. Para os seis que serão submetidos a uma cirurgia amanhã e segunda-feira, tocou mais do que um telefone. A esperança de prolongar a vida.

A lista da morte realmente já começou a diminuir de tamanho. Milton de Lima, o oitavo da lista que o **Jornal de Brasília** localizou em janeiro, mais os 75 que estão internados e os cinco previstos, reverterem esse quadro tétrico, que retrata com seus contornos mórbidos o estado crítico da saúde pública nacio-

nal. Agora, a soma da lista é outra, cai de 4.061 para 3.973.

Milton de Lima, um pernambucano de 66 anos, que sofria com um tumor na próstata e agora está se recuperando, não fez a cirurgia que necessitava para eliminar o problema porque em hospital privado teria de pagar cerca de R\$ 5 mil. Ao entrar na lista do Hospital de Base, teve de conviver com uma angústia que só se encerrou no dia em que recebeu um telefonema avisando que ele poderia ser operado.

A equipe de cirurgiões e anestesistas do HBDF farão três cirurgias vasculares periféricas (amputações ou desobstrução de artérias) e uma de câncer gástrico, todas elas apontando para a possibilidade de sucesso, garante Rafael Barbosa, diretor do hospital. Ele espera acres-

centar às 630 cirurgias de emergência e eletivas semanais realizadas no Hospital de Base do Distrito Federal, mais 300, um número satisfatório mas ainda distante de uma realidade que exige muito mais esforço e solidariedade da categoria.

O drama vivido pelos pacientes da fila da morte revolta os cirurgiões que não aceitam perder um paciente por falta de anestesistas. O problema é crônico. A maioria dos anestesistas integra uma cooperativa que atende a rede privada e pública e cobram caro para isso. Valores acima da capacidade de caixa da FH, comenta a secretária da Saúde, Maria José Maninha. No último concurso foram oferecidas 20 vagas para a especialidade. Dos 23 aprovados, apenas três aceitaram o trabalho.

DF - Saúde

